

Educomunicação e Pacto educativo global: diálogos possíveis para uma ecologia integral¹

Helena Corazza²

Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)
Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC Paulinas)

Resumo

Considerando os desafios do diálogo entre Comunicação e Educação, aqui nomeada como Educomunicação, o artigo se propõe verificar a aproximação e o diálogo deste campo de pesquisa com a proposta do Pacto Educativo Global, bem como alianças possíveis, em vista de um envolvimento do ecossistema educativo e empoderamento das novas gerações, sobretudo, crianças e jovens, no ambiente digital. Os referenciais teóricos da Educomunicação embasam este campo de pesquisa e intervenção educativa.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; Pacto educativo global; diálogo; ecologia integral; protagonismo.

A Educomunicação torna-se um paradigma que reúne duas áreas do conhecimento, a Educação e a Comunicação, que dialogam entre si, interagem, tem muito em comum. Se o campo da Educação remete à sala de aula, ao ensino formal, a Comunicação é uma área do conhecimento mais recente, que muitos a entendem como mídias, profissionais da comunicação ou, ainda, educação informal. Pesquisadores, como Soares³, veem na Educomunicação um novo paradigma, que associa, de forma integrada, os saberes da Educação e da Comunicação, enriquecendo-se mutuamente na cultura criada pelas comunicações, na interface com outras áreas e práticas do conhecimento. E cultura remete ao cotidiano, ao dia a dia onde as mídias são fonte de informação, sobretudo com as redes sociais.

O conceito de Educomunicação, foi recentemente, inserido no vocabulário da Academia Brasileira de Letras (ABI), definindo como

¹ . Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Jornalista, graduada em Letras. Docente e coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP -/SEPAC). Assessora e docente no SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação; pesquisadora do MECOM (Mediações Educomunicativas - ECA-USP). **Email:** helena.corazza@paulinas.com.br

³ . Soares. <https://www.youtube.com/watch?v=WLJ3abx5U-Y&t=1311s> - Acesso 10/7/2022

1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.
2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.⁴

Importa ressaltar que a Educomunicação, não é apenas um novo campo de pesquisa, uma nova área que trabalha a interface comunicação e educação, “mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel da centralidade da comunicação” (CITELLI, 2011, p. 7). O aspecto da centralidade da comunicação é fundamental, também tendo em conta as diferentes linguagens na atuação.

Aproximações da Educomunicação com o Pacto Educativo Global, uma proposta que o Papa Francisco faz à Igreja católica e ao mundo, em 12 de setembro de 2019, nos cinco anos de publicação da carta *Laudato Si'*, (Louvado seja), sobre o cuidado da casa comum. O Pontífice convocou os representantes da Terra para assinarem um compromisso comum, com o objetivo de reconstruir este *Pacto*, que envolve o ser humano e a sociedade, cuja base e condição de eficácia está na educação.

Na visão e proposta do *Pacto*, “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (FRANCISCO, 2015, p. 172). Ele critica o pragmatismo utilitarista e o modelo consumista transmitido pelos meios de comunicação social e pelos mecanismos do mercado.

Neste sentido, a educação é condição para o êxito deste Pacto, uma educação comprometida com a “Ecologia integral”, que se constitui um paradigma capaz de manter unidos fenômenos e problemas ambientais (aquecimento global, poluição, exaustão dos recursos, desflorestamento), com questões que, normalmente, não são associadas à agenda ecológica em sentido estrito, como a pobreza, a qualidade de vida nos espaços urbanos, a problemática dos transportes públicos.

⁴ <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao> - Acesso 10/7/2022.

A ecologia integral requer uma educação que entenda que, se tudo está em relação, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade, comporta consequências para o ambiente e para a qualidade da vida humana. Neste sentido, “a ecologia social é necessariamente institucional e atinge progressivamente diversas dimensões que vão do grupo social primário, a família até a vida internacional, passando pela comunidade local e a Nação” (FRANCISCO, 2015, p. 117).

A educação, aqui proposta, requer a união de forças para formar pessoas maduras e com responsabilidade na construção do bem comum. Inspira-se no provérbio da sabedoria africana: “para educar uma criança é necessária uma aldeia inteira”. A metáfora da aldeia evoca uma ampla aliança pela educação, que chama toda a sociedade a assumir esta responsabilidade.

Dessa forma, os esforços do *Pacto* devem envolver todos os profissionais das diferentes áreas, professores, pesquisadores, agentes e gestores públicos, pessoas que se ocupam com o futuro das novas gerações e os próprios jovens, enquanto sujeitos de seus processos formativos. Nunca sentimos, como agora, a necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna, diz o texto.

Educomunicação, processo relacional e diálogo

Consideradas em seu processo relacional, as áreas da comunicação e da educação, tem em conta a dimensão antropológica que considera o ser humano e seu relacionamento consigo mesmo, com o outro, com o transcendente, as tecnologias, as coisas, a natureza. A consciência de que tudo está interligado abre para uma dimensão humanística que não reduz nem a educação, nem a comunicação a tecnologias ou ao simples uso em sala de aula ou em outras atividades.

Neste processo relacional, o ser humano é considerado sujeito, protagonista que toma a iniciativa e transforma as realidades. Enquanto há a visão do sujeito adaptado às circunstâncias como às exigências do mercado, que tantas vezes, visa apenas o lucro, o consumismo, aqui o sujeito é alguém que reinterpreta, reelabora, ressignifica o que recebe. E, tendo em conta a organização da sociedade em redes e os grandes conglomerados que controlam o seu fluxo, pode-se perguntar onde fica o ser humano

nesse contexto, numa sociedade em mudanças em que também as relações mudam. Para Martin-Barbero

A textura dialógica se encontra tanto na textura do símbolo como na constituição da subjetividade: o eu só se torna real na reciprocidade da interlocução. Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim, de outra palavra, da resposta de outro (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 33).

Esse desafio se impõe à família, à escola e ao sistema educacional, uma vez que estamos inseridos nesta sociedade em mudança, mas trabalhamos com valores educativos que permanecem, como o respeito à vida, ao semelhante, à natureza, o valor da construção coletiva, de uma sociedade justa e fraterna.

A Educomunicação é uma proposta que carrega o gérmen da comunicação e da educação, no processo relacional entre educadores e educandos, famílias e comunidade escolar. Este processo cultiva um relacionamento circular de trocas, onde a educação não é transmissão, mas assimilação. O educador desperta no jovem, na criança o gosto por este modo de viver. O caminho de formação para a comunicação educativa reconhece o sujeito como um ser capaz de pensar e participar na reciprocidade.

Neste sentido, a pessoa e seu modo de comunicar tem importância. Daí a necessidade de trabalhar-se enquanto seres humanos de forma integrada: conhecimento teórico e prático, integração das emoções, gestualidade, expressão verbal, modo de ser para que a simpatia e o amor que se carrega anime a missão de educar. O aprimoramento da comunicação pessoal vai exigindo que o educador seja um comunicador.

Para o filósofo austríaco, Martín Buber (1977) a vocação de todo o ser humano é de constituir-se como um ser aberto naturalmente ao diálogo, vivendo a síntese do que denominou “inter-humano”. Segundo essa concepção, o indivíduo passa a ser um “fato da existência” só na medida em que ele próprio se coloca em uma relação viva com os outros. O ser humano é um aprendiz de relações e é preciso resgatar nele esta essência, como um ser em diálogo.

A Educomunicação requer educação ao diálogo, aplicado às relações interpessoais, sociais e às áreas de conhecimento. O diálogo se caracteriza pela atenção e escuta do que está dentro e fora de nós. Realidades presenciais ou virtuais, à distância, são um convite à escuta da rede, observando e buscando o significado de tantas postagens nas redes sociais, também dos educandos, o que significam, o que é verbalizado e o que é omitido.

O diálogo requer a abertura para acolher, respeitar as diferenças nas diferentes realidades da comunicação e da educação. O educando pode se sentir intimidado a se expressar diante do educador, dos colegas e vem a pergunta: como criar um clima de confiança de forma que cada um e cada uma tenha liberdade de se expressar, de compartilhar o que pensa e vive sem se sentir nem abaixo e nem acima dos outros. A atitude dialógica é fundamental, pois “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar, comunicando-se, é que ela é diálogo” (FREIRE, 1983, p. 66ss).

A administração de conflitos sejam eles geracionais, sociais, étnicos, também requer diálogo. E na sociedade contemporânea, com tanta diversidade, o conflito é um componente cotidiano. Quando bem administrado leva ao crescimento, ao reconhecimento do outro na sua diversidade.

Para Beltrán (2005), o diálogo favorece relações horizontais ao contrário do relacionamento vertical da comunicação autoritária. A comunicação horizontal respeita as competências, favorece a participação e se opõe ao individualismo, tão acentuado na sociedade atual; favorece o espírito democrático, o empoderamento, tão importante ao protagonismo juvenil.

O protagonismo juvenil com o sonho de uma nova sociedade

Na Educomunicação, o protagonismo é constitutivo e trabalha a educação para a autonomia, a capacidade de a pessoa ser sujeito do processo, pensando, projetando, articulando ações em favor de causas. A proposta é trabalhar no jovem, na criança, no adulto o ser sujeito ator, capacitar os estudantes a serem atores (Touraine, 1999), pessoas ativas no processo, capazes de entender e transformar o conhecimento em ação. A autonomia na aprendizagem começa a ser desenvolvida no estudante quando se torna parceiro do educador, no processo de ensino aprendizagem.

O jovem torna-se um sujeito responsável, que Morin trabalha como “ética do sujeito responsável”, ou seja, uma formação cidadã em que ele escolhe viver e atuar com valores com os quais assume e se compromete. O autor, assim define: “Eleger nossas finalidades, implica integrá-las profundamente em nossos espíritos e almas, jamais esquecê-las, jamais renunciar a elas, mesmo se perdemos a esperança de constatar a sua realização” (MORIN, 2000, p. 68).

O protagonismo juvenil potencializa o ecossistema educativo, aumenta a interação comunicacional no interior da instituição. Esse ecossistema permite que o estudante também seja ator da sua própria aprendizagem, tornando-se um sujeito mais autônomo, solidário e participativo. Entretanto, o protagonismo pode e deve extrapolar a sala de aula, com ações em favor da comunidade no entorno, ações inovadoras em favor da cultura, do meio ambiente e de outras causas.

O Pacto educativo global foi apresentando ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, no evento de 14 de maio de 2020, quando o Papa Francisco indicou a ferida mais grave que o atual contexto sociocultural provoca no compromisso educativo:

Educar exige entrar num diálogo leal com os jovens. São eles os primeiros a chamar-nos à urgência daquela solidariedade intergeracional que, infelizmente, tem faltado nos últimos anos. De fato, em muitas partes do mundo, tem uma tendência a fechar-se em si mesmo, proteger os direitos e os privilégios adquiridos, a conceber o mundo dentro de um horizonte limitado que trata com indiferença os idosos e sobretudo não oferece mais espaço à vida nascente [...] E faço apelo também a vós jovens para que participeis no encontro e sintais plena responsabilidade de construir um mundo melhor.⁵

O educador mobiliza a ação de acordo com as necessidades e circunstâncias, buscando colaboradores para as ações. Porque ele é um gestor de processos e a Educomunicação, uma prática que emerge da própria sociedade e se contrapõe a outras práticas também sociais. Protagonizar ações de resistência ao consumismo, ao modismo e ter projetos criativos de intervenção social como expressão da Educomunicação, que se apoia em valores como o diálogo, a cooperação, a participação, a solidariedade de seres humanos, sujeitos do processo, que assumem a responsabilidade de contribuir para uma sociedade mais justa e fraterna.

A gestão compartilhada da comunicação

A gestão da comunicação está ligada ao planejamento e execução de planos e é fundamental no processo educativo na área de intervenção, que apontam, para a

⁵ .(Discurso aos Membros do Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo, 9 de janeiro de 2020) – https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200109_corpo-diplomatico.html (Acesso 19/7/2020)

avaliação de ecossistemas comunicacionais. A gestão interliga todo o processo e se realiza por meio de ações planejadas, pela comunidade educativa.

Situa-se na pedagogia de projetos em áreas de intervenção e despertam no educando o gosto por tudo o que aprende despertando o desejo de compartilhar em ações em favor da escola ou da comunidade. Trata-se de sujeitos sociais que constroem pontes entre o conhecimento adquirido, vivenciado e a necessidade de dialogar com outras realidades onde é possível atuar com uma diversidade de iniciativas.

A gestão da comunicação, de forma participativa, torna-se indispensável em todos os níveis, promovendo processos que envolvam ações da instituição, com os educadores e educandos, tendo em vista o crescimento interno das pessoas e o serviço à comunidade. Este modo de proceder desenvolve hábitos e ações com um novo olhar possível, numa sociedade em que também as tecnologias contribuem para potencializar hábitos não só individuais mas individualistas.

O exercício da construção coletiva é um antídoto, mas é preciso ser assumido conscientemente sabendo que é um valor de quem acredita em relações fraternas e humanitárias, que dão importância ao ser humano no processo educativo. Para Soares, “a área da gestão da comunicação volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, apontando, inclusive, indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais” (SOARES, 2011, p. 48).

Criar e favorecer alianças educativas, que inclui a abertura ao outro é o fundamento do Pacto educativo global. O convite é a uma aliança educativa com pessoas diferentes que se comprometam com esta causa. Há um pacto quando, mantendo as diferenças mútuas, escolhe-se por colocar as próprias forças a serviço do mesmo projeto; quando somos capazes de reconhecer no outro, diferente de nós, não uma ameaça contra a nossa identidade, mas um companheiro de viagem.

Para que isso aconteça é preciso encontrar companheiros de viagem no caminho da educação, mais que propor programas a seguir; estreitar entre todos uma aliança que valorize a unicidade de cada um, graças a um compromisso contínuo na formação. Respeitar a diversidade é o primeiro pressuposto do pacto educativo.

As alianças educativas podem acontecer entre as diferentes instituições, entretanto, a família, a escola e a sociedade são fundamentais. A família, mais do que uma célula da organização social, é o espaço amoroso que dá as condições essenciais para formar

a pessoa em sua globalidade. Nela se lançam os alicerces para o desenvolvimento cognitivo e social do ser humano.

Propostas do Pacto educativo global

Aqui são colocados alguns passos para a caminhada comum na “aldeia da comunicação” como a coragem de colocar a pessoa no centro.

Colocar a pessoa no centro, remete à tradição ocidental: o ser humano é *pessoa*, uma convicção antropológica. Ao afirmar que *pessoa* é um conceito que distingue o humano dos outros seres vivos é lembrar duas características singulares: a consciência da própria identidade e sua capacidade de comunicação.

Ao dizer que educar exige a coragem de colocar a *pessoa* no centro, se estabelece uma hierarquia de valores ordenada a partir de um valor máximo: a pessoa humana. A expressão “dignidade de pessoa” estabelece que os sujeitos humanos não podem ser educados apenas com finalidades pragmáticas ou em função do mercado, mas devem ser formados tendo em vista o aperfeiçoamento de sua personalidade, visando sua identidade e a capacidade de comunicar esta identidade.

Colocar a pessoa no centro do processo educativo, obriga a repensar os modelos de educação adotados, um modelo técnico-científico que prescinde de valores humanistas e espirituais ou um modelo baseado em valores capazes de orientar o progresso técnico-científico.

Os valores humanizadores são percebidos e assumidos no momento em que escolhemos relacionamentos solidários, nos quais o respeito mútuo e a compreensão mútua constituem ingredientes fundamentais seja na família, na escola ou na sociedade. Escolher formar a *pessoa* significa optar pela cultura do encontro na qual olhar o outro ser humano é também encontrar o rastro do Outro.

Daí a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade. A ação propositiva e confiante abre a educação para uma projeção em longo prazo, que não pare na tendência estática das condições. Assim, teremos pessoas abertas, responsáveis, disponíveis a encontrar o tempo para a escuta, o diálogo e a reflexão, e capazes de construir um tecido de relações com as famílias, entre as gerações e com as várias expressões da sociedade civil de modo a constituir um novo humanismo.

É fundamental que uma educação para o humanismo solidário seja

construída de forma colaborativa, mediante redes de cooperação, no que se refere às metodologias de aprendizagem e aos ambientes formativos, criando interfaces nas quais os atores da comunidade educativa possam interagir entre si, valorizando a adoção de comportamentos cooperativos (JUSTEN, D. E., 2022, p. 29).

Um novo passo que o Pacto propõe é a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem a serviço da comunidade. Servir significa trabalhar ao lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo, relações humanas, de proximidade, vínculos de solidariedade.

Educação para a comunicação e compromisso em favor e com as gerações jovens

O Pacto educativo global tem o objetivo de construir uma aliança entre escola, família e a sociedade, despertando energias positivas para colocar no centro o desenvolvimento integral da pessoa e a proteção da Casa comum, com vistas à ecologia integral. O chamado para reconstruir o Pacto educativo global é um apelo a cada pessoa para que se torne “protagonista desta aliança, assumindo o compromisso pessoal e comunitário de cultivar, juntos, o sonho de um humanismo solidário, que corresponda às expectativas do homem e ao desígnio do Criador”.

Ao pensar na formação das novas gerações, chama-se a atenção à globalização em que as tecnologias tem grande impacto no âmbito pedagógico, lembrando a vida *online* o acesso cotidiano às mídias sociais. O mundo digital é uma oportunidade e também um desafio à educação das novas gerações e seu compromisso em tecer redes.

Para as novas gerações o ambiente digital é “natural” e convivem com esta contradição, sem talvez perceber, pois o tempo de aprendizado e, mais profundamente, o tempo de amadurecimento, estão muito distantes dos tempos da internet. Este descompasso entre a velocidade das tecnologias e o ritmo da natureza pode causar sentimento de frustração, atingir a autoestima e o sentimento de impotência, pois com um *clik* consegue-se o que se quer e o mesmo não acontece com os processos humanos, na vida real.

A Internet e mídias sociais estão alterando de maneira radical tanto as relações entre os seres humanos, como os desejos e a própria formação da identidade dos indivíduos, que afeta o modo como o ser humano vive, pensa, age e se relaciona com os outros e com o mundo, afirma Sbardelotto. Para o pesquisador

De modo geral percebe-se, em meio a essas mudanças cada vez mais aceleradas, um processo de “midiamorfose humana”, ou seja, uma metamorfose, uma transformação, uma meta(re)organização daquilo que caracteriza o ser humano, as relações humanas, a humanidade, na interrelação com lógicas e dinâmicas midiáticas, principalmente digitais, que caracterizam a comunicação contemporânea. (SBARDELOTTO, 2022, p. 232).

A educação para a comunicação na cultura digital, possibilita ao ser humano sair do narcisismo ou qualquer outra atitude absoluta para entrar em relação com os outros, um dos conceitos centrais, a ideia de rede. As próprias ecologias das mídias não existem em si mesmas, de forma independente e absoluta, mas facilitam a criação de laços e redes humanas. Para o autor, na cultura digital

é preciso compreender os sistemas digitais de comunicação em sua complexidade ecológica – em seus diversos níveis: pessoal, cultural, social, tecnológico, simbólico – como redes de redes, onde as próprias pessoas, culturas, sociedades, tecnologias, símbolos crescem e se desenvolvem de modo relacional, demandando, portanto, um olhar integral (SBARDELOTTO, 2022, p. 261).

Na perspectiva da educação para a comunicação em relação às novas gerações, a visão de integralidade, na cultura digital, está ligada às redes de relações das quais o ser humano participa e depende, tendo em conta as demais pessoas conectadas às tecnologias em ambientes digitais.

Renovar a paixão por uma educação aberta e inclusiva

Neste empenho educativo surge a importância de envolver os jovens, com o empenho na formação das novas gerações, despertando sua capacidade de orientar a própria vida, discernir e assumir opções coerentes com os valores humanos e cidadãos. Na difícil missão de educar, pais, professores, educadores e toda a comunidade educativa tem responsabilidades. Há uma “emergência educativa”, com muitos desafios da sociedade contemporânea, que abalam valores conquistados, sobretudo em relação aos direitos humanos e a ética, e é preciso ajudar as novas gerações a buscarem encontrá-los no novo modelo de sociedade, bem como o sentido da própria vida e o seu lugar na história.

A educação “chamada a criar uma ‘cidadania ecológica’” (FRANCISCO, 2015, p. 168), que pode se tornar uma habilidade eficaz para construir uma sociedade mais

acolhedora e atenta ao cuidado do outro e da criação. Em outras palavras, o compromisso educacional não é voltado apenas para beneficiários diretos, crianças e jovens, mas é um serviço prestado à sociedade como um todo, que na educação se renova.

A educação aberta e inclusiva gera compromisso comunitário aberto à coletividade, criando vínculos comunitários baseados mais na responsabilidade do que no dever, o que contribui para a autêntica transformação da sociedade. Essa educação tem em conta o diálogo com as diferenças, a superação da economia do lucro e do interesse, olhar para a casa comum e para todas as formas de vida e na valorização do que é simples e belo.

Educação comprometida com o diálogo e a paz, cultivando a cultura do encontro, que requer o reconhecimento do outro e da sua liberdade e dos seus direitos fundamentais. Esta educação está comprometida com a tolerância, a superação do extremismo religioso e nacional e a intolerância, com a empatia e escuta generosa, a reconciliação e com a ajuda solidária aos que são vítimas da violência.

Construir uma “aldeia da educação”

Esta temática dialoga com a Educomunicação que trabalha ecossistemas educativos com a comunidade. O Pacto diz que talvez a ideia de uma aldeia esteja distante da cultura urbana e digital em que há um pragmatismo muito grande, tudo está mais ou menos programado e, muitas vezes, parece que as pessoas não se comprometem. A aldeia é uma forma de organizar a sociedade baseada na corresponsabilidade, na consciência de que cada morador, cada ator social, cada pessoa com suas habilidades e possibilidades tem sua responsabilidade nos processos daquela comunidade, pois “as famílias, a escola e a sociedade são sujeitos com quem podemos dialogar e construir alianças” (CORAZZA, 2021, p. 35).

A educação pensada a partir da aldeia é tomada como uma responsabilidade de todos, porque todos sabem do valor de ensinar as crianças e os jovens: é a garantia de um futuro feliz para eles e da longevidade da comunidade. Trata-se de reavivar o sentido da fraternidade a partir do qual desenvolve-se o encontro, a solidariedade, a generosidade, o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as diversas formas da

reciprocidade. A proposta de construir uma “aldeia da educação” ou cidade da educação remete ao conceito de ecossistema educativo onde as relações são abertas.

Construir ecossistemas comunicativos significa criar canais de comunicação com outras pessoas, com instituições, com o entorno, a sociedade, tecendo redes e interagindo a partir da perspectiva dialógica que favorece o encontro de pessoas, propostas, projetos importantes e necessários à comunidade educativa.

Considerações finais

A Educomunicação é um campo de pesquisa interdisciplinar, que dialoga com diferentes áreas de pensamento e atuação. As reflexões aqui compartilhadas abrem outro campo de negociação de sentido com o Pacto educativo global, apresentado aos dirigentes da Terra, tendo em conta uma “ecologia integral”, conceito muito próximo ao de ecossistemas abertos que envolvem seres humanos, comunidade educativa formada por estudantes, educadores, funcionários, famílias e todo o ambiente educativo.

Um espaço de alianças que se apoia em referenciais teóricos, que consideram e priorizam o empoderamento do sujeito, o planejamento, a gestão participativa, a formação cidadã, o cuidado do meio ambiente, a formação de redes, entre outros. Uma característica dos diálogos abertos é a formação de alianças e parcerias em vista de causas comuns, envolvendo as novas gerações.

Ao longo deste texto pudemos observar o diálogo da Educomunicação com o Pacto educativo global, aspectos comuns que se complementam e abrem novos horizontes como a Educomunicação e o processo relacional; o protagonismo juvenil com o sonho de uma nova sociedade, uma educação para reavivar o compromisso em favor e com as gerações jovens e um apelo às personalidades e aos jovens, uma vez que educar exige entrar num diálogo leal com os jovens, pois são eles os primeiros a chamar-nos à urgência da solidariedade intergeracional, tão necessária em nossos dias. E na cultura digital, a comunicação é uma mediação que dá visibilidade às ações de intervenção e necessita educar as novas gerações para ser eficaz.

Outros aspectos são de construir e cultivar um ecossistema comunicativo, educativo, bem como reconstruir a identidade para a autonomia, tendo em conta o ser humano enquanto sujeito do processo; a gestão da comunicação, favorecendo e exercitando para que seja compartilhada. A importância de criar e favorecer alianças educativas,

construindo alianças para uma “aldeia da educação” que inclui a família, a comunidade educativa, a ambiência educativa. Importa também renovar a paixão por uma educação aberta e inclusiva, a Educomunicação que, mais do que técnicas e procedimentos, se torna um estilo de vida, um espaço de intervenção na sociedade, na interdisciplinaridade e diálogo, na construção de alianças com as diferentes realidades.

Referências

- BELTRAN, L. R. **Adeus a Aristóteles:** comunicação horizontal. *Revista Comunicação e Sociedade*. S. Bernardo do Campo, Metodista, n. 6, p. 5+35, 1981.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
- CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. **Educomunicação**. Construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CORAZZA, H. **Educomunicação na perspectiva do Pacto Educativo Global**. Brasília: Rede Salesiana Brasil, 2021 (E-book).
- JUSTEN, D. E. *Humanismo solidário e a educação para a alteridade*. In: DE ANDRADE, R. F. (Org.). **Pensar o presente e o futuro da educação**. São Paulo: Paulinas/Pacto Educativo Global, 2022, pp. 25-35.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato si***. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html (Acesso 10/7/2022).
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, 6ª. Ed.
- MARTIN-BERBERO, J. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MORIN, E. *Ética do Sujeito responsável*. In: CARVALHO, E. A. (Org.). **Ética, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Palas Atenas, 2000, p. 65-67.
- SBARDELOTTO, M. “Por um humanismo digital integral”. In: GUIMARÃES, J. G. M. *et alli* (Orgs). **O novo humanismo**. Paradigmas organizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco. São Paulo: Nesp/Paulus, 2022.
- SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2019.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999, 6ª. Ed.